

# TÓ

REVISTA DE  
PSICANÁLISE

# PI CA

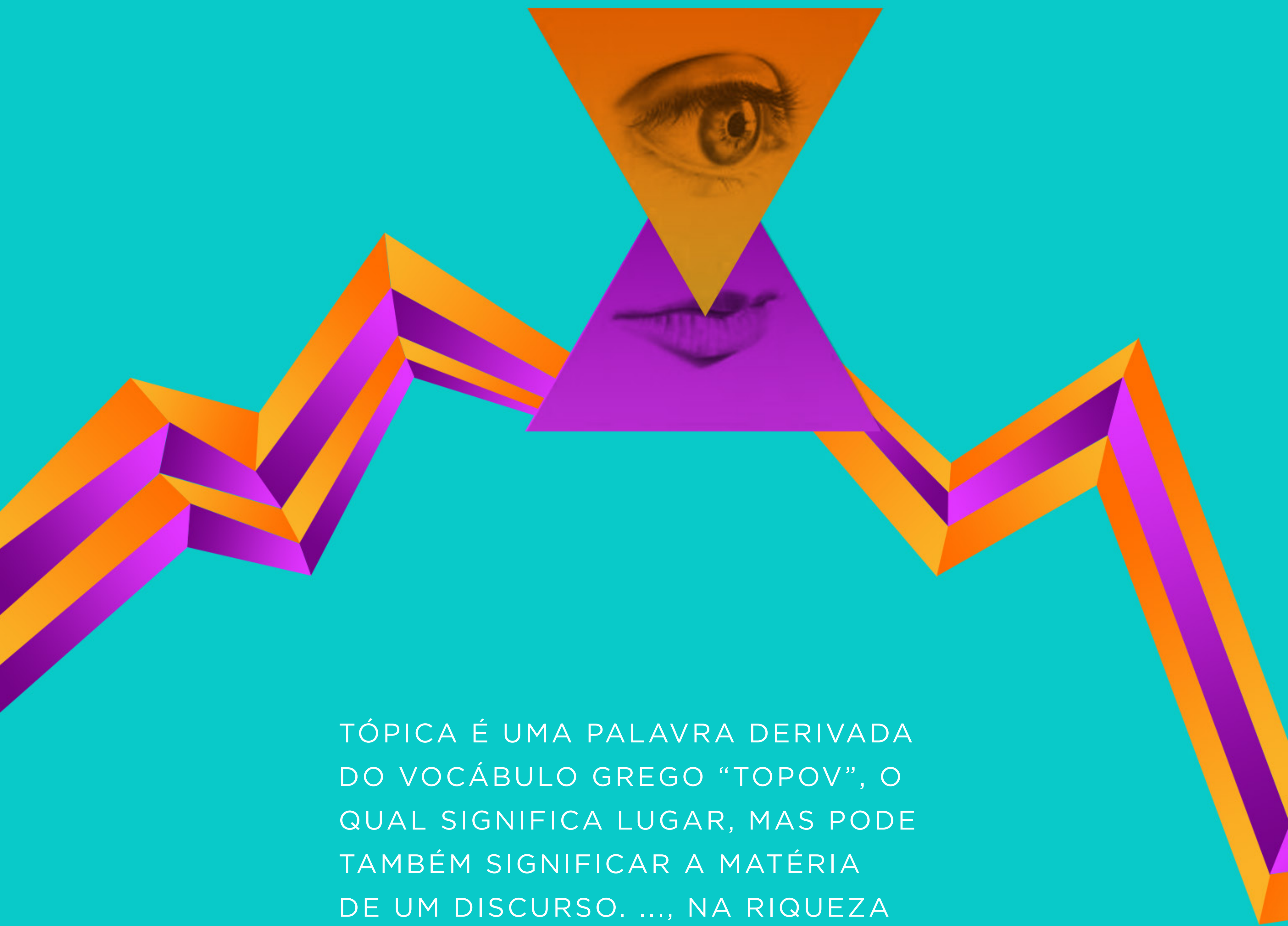


# N. 8

ANO 8  
NOVEMBRO.2013  
MACEIÓ.AL  
BRASIL

**GPAL**  
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,  
POR ZEFERINO ROCHA

**PRESIDENTE**

Fernando Barbosa de Almeida

**VICE-PRESIDENTE**

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

**TESOUREIRA**

Maria Edna Melo Silva

**SECRETÁRIO**

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE  
FORMAÇÃO**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE  
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/  
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

**CAPA**

Michel Rios e Luísa Estanislau

**REVISÃO**

Fernanda B. B. Alves Pinto

Lígia D'Alva

Sidney Wanderley

**GPAL**  
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do  
Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL)

Parque Gonçalves Lêdo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

www.gpal.com.br

# A INTERPRETAÇÃO NA ANÁLISE DE CRIANÇAS<sup>1</sup>

LENILDA ESTANISLAU<sup>2</sup>

## RESUMO

Muitos psicanalistas restringem o campo da linguagem às expressões verbais, considerando o significante apenas em sua dimensão linguística. Como se daria, nesse sentido, a análise com crianças? O presente trabalho tem como objetivo destacar

a importância do método lúdico na psicanálise de crianças, pois em sua prática clínica vemos que o método clássico das associações verbais não é viável.

1 \_\_\_\_\_  
Trabalho apresentado na IX Jornada do GPAL, em dezembro de 2012.

2 \_\_\_\_\_  
Psicóloga Clínica (FAFIRE-PE) e Psicanalista do GPAL.

Quando falamos sobre análise de crianças lembramo-nos do caso do pequeno Hans, porém cabe-nos recordar que o tratamento de Hans não foi empreendido por Freud, e sim pelo pai da criança, que enviava ao analista relatos sobre Hans que continham expressões verbais de seu convívio em brincadeiras, em desenhos, na relação com outras crianças, nas idas ao banheiro; de maneira que essa análise não se processaria através de associações verbais exclusivamente. Tampouco pode-se falar dela como um processo psicanalítico no sentido estrito: a transferência se dá entre o pai de Hans e Freud.

Em 1918, Freud fala sobre a psicanálise de crianças, campo ainda não desenvolvido até essa data. Diz que o material trazido pela criança seria “mais confiável”, na medida em que estaria livre das distorções e elaborações construídas ao longo da vida, mas considera como desvantagem dessa prática os limites da verbalização próprios da condição infantil (FREUD, 1976, p. 21).

No início da sua prática clínica, Melanie Klein encontra essa dificuldade ao analisar Rita, uma criança com menos de 3 anos mas com vários sintomas: oscilações intermitentes de humor, incapacidade de suportar frustrações com explosões de cólera ou abatimento profundo, choros sem razão aparente e dificuldades alimentares. Nessa nova experiência era impossível seguir o modelo clássico da psicanálise com adultos,

pois a criança, durante as sessões, falava pouco e brincava de vestir e despir uma boneca de uma maneira repetitiva. O comportamento de Rita faz Klein repensar o método psicanalítico com crianças.

No início dessa análise, M. Klein não tinha o objetivo de privilegiar o brincar em relação à verbalização, mas não teve outra alternativa, pois Rita direciona o tratamento em torno da brincadeira, possibilitando à analista valer-se da mesma para dar continuidade à análise, através de suas intervenções sobre o jogo (vestir e despir a boneca) e das atividades da criança.

Observando a remissão dos sintomas de Rita, M. Klein utiliza deliberadamente o brincar no tratamento com outras crianças. E vai firmar sua posição de que o brincar é o método que possibilita a condução do processo psicanalítico de crianças, uma precondição para que este possa se efetuar. Segundo a autora:

(...) as crianças produzem associações com os diferentes aspectos de seus jogos, em número não inferior às que fazem os adultos com os elementos de seus sonhos. Os detalhes do jogo

indicam o caminho para o observador atento; e, entretantes, a criança conta toda sorte de coisas às quais se deve dar o devido valor como associações (KLEIN, 1970, p. 186).

A partir de então, a psicanálise de crianças é conduzida segundo o pensamento kleiniano, no qual o brincar é visto como um movimento associativo, articulando-se com os elementos verbais que não devem ser desprezados. No entanto, nos casos relatados pela autora, as suas interpretações dos jogos de criança em análise fogem daquilo que ela mesma postulou. O modelo kleiniano de interpretação parece não só desconsiderar as associações verbais que emergem a partir do brincar, como também, e, principalmente, o movimento associativo da própria atividade lúdica. Klein parece desvendar o significado de um jogo só pelas características manifestas, propondo generalizações, códigos preestabelecidos de interpretação de jogos infantis. Afirma: “Nesse caso, como em todas as análises de meninos, movimentar um carro representava masturbação e coito; fazer os carros colidirem significava coito, e a comparação de um carro maior com outro menor, a rivalidade com o pai ou o pênis do pai” (KLEIN, 1975, p. 105).

Nessa proposta, evidencia-se uma imposição de significação preconcebida, uma adivinhação que não estaria de acordo com o que Klein sempre fez questão de dizer em

relação aos princípios básicos da psicanálise:

Os critérios do método psicanalítico proposto por Freud, ou seja, que devemos usar como ponto de partida os fatos da transferência [...] que devemos levar em consideração o recalque e seus efeitos, a amnésia e a compulsão à repetição [...] são escrupulosamente conservados na técnica do jogo (KLEIN, 1970, p. 190).

Neste sentido, o método kleiniano, com uma imposição de significação preconcebida, estaria de acordo com o pensamento freudiano?

Segundo Laplanche (1988, p. 52), esse modelo de interpretação kleiniana “chega à decodificação mais estereotipada dos ditos gestos significativos do paciente, sem considerar o movimento associativo, a referência histórica e individual, e os mil e um indícios pelos quais descobrimos se a interpretação está ou não num bom caminho”.

Sabemos que o brincar é também uma linguagem, porém diferente da linguagem verbal. A deficiência

sintática da linguagem lúdica contribui para definir o seu caráter de ambiguidade e imprecisão. Laplanche (1988, p. 58) diz: “O brincar é capaz de conotar e evocar situações e relações, mas não pode denotar nem informar; ele presentifica, mas não nomeia”.

Pretender traduzir o brincar em termos verbais através de códigos preestabelecidos é impor à criança uma significação, é contrariar aquilo que é essencial nas características da linguagem lúdica, sua multiplicidade semântica. Essa forma de intervenção do analista está distante da teoria de intervenção freudiana, segundo a qual:

Entre aquilo que se manifesta e o núcleo da realidade psíquica, há a distância imposta pelo recalque. O acesso ao desejo implica um percurso associativo empreendido pelo paciente, que passará necessariamente pelo deciframento dos elementos de linguagem que determinam sua ocultação – a metáfora (condensação) e a metonímia (deslocamento) – e dos aspectos histórico-individuais que constituíram a simbolização e a elaboração secundária. Ao negligenciar os elementos associativos (verbais e não verbais) que surgem no curso das imagens do jogo, o analista perde de vista o que constitui a possibilidade de significação: a articulação das imagens entre si e destas com as palavras (SANTA ROZA, 1993, p.125).

Dessa maneira, não podemos aceitar que, em todas as análises de crianças, o choque de dois carrinhos seja uma encenação do coito dos pais. Para considerar o brincar como um equivalente das associações livres, é necessário que ele seja entendido como uma articulação permanente entre imagens, ações e palavras.

Como já vimos, a linguagem – quer seja ela verbal ou não verbal –, não tem incidência na teoria kleiniana; a ausência do objeto de satisfação não é simbolizada: é convertida numa espécie de negativo do que é experimentado como bom, o objeto “mau”, persecutório. Nesse pensamento não existe uma alternância entre presença e ausência nas primeiras relações, só existe a oscilação entre os objetos bom e mau, enfim, uma presença constante. Como diria Winnicott, não existe espaço intermediário entre sujeito e objeto. Dessa maneira, as interpretações kleinianas situam-se num plano mais pedagógico do que psicanalítico, pois traduzem como manifestações do inconsciente da criança versões de seu próprio ego, versões sobre a sexualidade

que foram impostas. Sendo assim, segundo Safouan, nem analista nem analisante dispõem de critérios dessa realidade, da realidade do real. Então o analista é obrigado a encontrar esse critério em si mesmo, fazendo a análise desembocar numa identificação com ele” (SAFOUAN, 1979, p. 129).

Discordando das premissas kleinianas do brincar enquanto pura descarga de fantasias em torno de uma suposta imaturidade sexual, Lacan diz, no Seminário 1, que: “É a saber, que em relação à instancia da sexualidade todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto – que esses só têm a ver aquilo que da sexualidade passa para as redes do significante” (LACAN, 1979, p. 250). Isso mostra a importância da linguagem que faz com que o sujeito se mobilize numa eterna busca de satisfação da pulsão que é impossível de ser alcançada, apontando para a perda definitiva do objeto, para a falta, a castração. A realidade é, enquanto verdade universal, impossível de ser alcançada.

Assim, na teoria kleiniana, podemos perceber que a relação analista-analisando se transforma

numa “relação objetal” onde o analista permitiria uma “correção” das fantasias primitivas ao situar-se, através da interpretação, de uma forma diferente das imagos originais. Ela interpretava, por exemplo, que, em todas as análises de meninos, movimentar o carro representava masturbação e coito. Essa interpretação impede os efeitos de significação do brincar, a realização do inconsciente, não permitindo o trajeto através do qual o brincar viria a produzir um sentido.

A teoria lacaniana nos mostra que a ideia de um fortalecimento do ego “frágil” da criança não se sustenta, pois o ego é frustração em essência. E, somente através da via da linguagem (no caso da criança) do brincar, da troca com seus pares e com as experiências



vividas na cultura é que se dá o desenvolvimento do ego.

Diante das teorias apresentadas, em que termos deve operar a interpretação no processo psicanalítico da criança? Não seria o brincar já a interpretação, aquilo que é possível à criança simbolizar da sexualidade com seu reduzido aparato verbal?

Dessa maneira, é papel do analista permitir que no brincar faça circular os significantes, desatrelando os significados constituídos pelo ego, dando mobilidade à fixidez que configurou o sintoma. A interpretação que o brincar promove é facilitada pelo analista não só pelo que ele diz, mas principalmente pelo que ele brinca. Ela se dá ao nível da linguagem do jogo e assim entendemos quando Winnicott (1975, p. 44) nos diz: “O processo psicanalítico se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta. E que o momento significativo é aquele em que a criança se surpreende e não o momento de minha brilhante interpretação”.

Essas diferenças nas teorias apresentadas não têm o objetivo

de destituir M. Klein do seu lugar de uma autora com uma grande obra, porém escrita numa outra época. E que na atualidade percebemos de maneira diferente após os estudos de vários autores, principalmente Lacan e Winnicott.

Sabemos que Klein foi capaz de compreender que as crianças, ao brincarem, repetem as experiências pelas quais passam, repetem as impossibilidades humanas. Expõem na brincadeira os enigmas da existência ligados ao corpo, ao sexo, à morte.

Na prática analítica com crianças, devemos visar à remoção dos bloqueios do seu desenvolvimento no plano simbólico e possibilitar, através da repetição no brincar, o prazer em significar o desconhecido e em restaurar uma situação original que foi seu ponto de partida. O brincar é a realização do sujeito do inconsciente.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund (1917-1919). *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIN, Melanie. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

KLEIN, Melanie. *Princípios psicológicos da análise infantil*. Em: *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LAPLANCHE, Jean. *É preciso queimar Melaine Klein?* Em: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SAFOUAN, Moustapha. *Estudos sobre Édipo*. Uma introdução à teoria do sujeito. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SANTA ROZA, Eliza. *Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.